

V JORNADA DE FILOSOFIA POLÍTICA

A PAZ SERÁ TOTAL?

CRÍTICA SOCIAL E
AÇÃO POLÍTICA EM
TEMPOS DE CRISE



-CADERNO DE RESUMOS-

V JORNADA DE FILOSOFIA POLÍTICA

DATA

De 27 a 29 de agosto de 2025

LOCAL

Universidade de Brasília

REALIZAÇÃO

Grupo de
**Ética e
Filosofia
Política**

UnB



APOIO

DPG Decanato de
Pós-Graduação

dpi
Decanato de
Pesquisa e Inovação


UnB

 **PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO**
Filosofia



PROGRAMAÇÃO GERAL

Quarta-feira · 27 de agosto de 2025

Manhã – Mesas de comunicação

Tarde – Mesas de debate

Noite – Conferência

Quinta-feira · 28 de agosto de 2025

Manhã – Mesas de comunicação

Tarde – Mesas de debate

Noite – Conferência

Sexta-feira · 29 de agosto de 2025

Manhã – Mesas de comunicação

Tarde – Mesas de debate

Noite – Conferência

Locais da programação

Mesas e comunicações

Auditório do Departamento de História

Módulo **24** – ICC Norte, Subsolo, UnB

Oficinas

Auditório do ICH

Módulo **26** – ICC Norte, Subsolo, UnB

V JORNADA DE FILOSOFIA POLÍTICA DA UNB

crítica social e ação política em tempos de crise

COMISSÃO ORGANIZADORA

MARIA CECÍLIA ALMEIDA

Universidade de Brasília

CLÁUDIO REIS

Universidade de Brasília

GILBERTO TEDEIA

Universidade de Brasília

PRISCILA RUFINONI

Universidade de Brasília

GIOVANNI ZANOTTI

PPGFIL – Universidade de
Brasília

CEIS20 – Universidade de
Coimbra

COMISSÃO ASSESSORA

JADE OLIVEIRA CHAIA

Universidade de Brasília

AYLANNE VAZ

Universidade de Brasília

FELIPE MATOS LIMA MELO

Universidade de Brasília

JEFFERSON M. CASSIANO

Universidade de Brasília

LUCAS MOURA VIEIRA

Universidade de Brasília

LUÍS HENRIQUE MARQUES

Universidade de Brasília

MIGUEL M. CARNEIRO

Universidade de Brasília

VICTOR VERÍSSIMO RIBAS

Universidade de Brasília

VINÍCIUS MORAES COSTA

Universidade de Brasília

YASMINE MENDONÇA

Universidade de Brasília

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação editorial: Jade Oliveira Chaia;
Maria Cecília Almeida;
Priscila Rossinetti Rufinoni

Preparação dos
originais e diagramação: Jade Oliveira Chaia

Projeto gráfico: Michelly Alves Teixeira

Arte: Darã Maia (execução);
Erica Araújo (concepção)

FICHA CATALOGRÁFICA

V Jornada de Filosofia Política da Universidade de Brasília: A paz será total?
crítica social e ação política em tempos de crise

5ª Edição – Agosto, 2025

ISBN 978-65-01-64221-5

Disponível na internet: <https://www.filosofiapoliticaunb.com/>

1. Anais. 2. Caderno. 3. Resumo. 4. Filosofia. 5. Universidade de Brasília. 6.
Departamento de Filosofia.

SUMÁRIO

Apresentação.....	16
-------------------	----

Mesas de Comunicação

<i>Do verdeamarelismo à brasilianização: o autoritarismo na cultura política brasileira</i>	23
---	----

Andressa Brandão do Nascimento (UnB)

<i>A crise também é estética: diálogos críticos entre o nazifascismo e o bolsonarismo.....</i>	24
--	----

Mayara Franca Moreirarte (UnB)

<i>A “conjuntura demoníaca” que pede identificação: junho e o fim da formação nacional</i>	25
--	----

Nilton Augusto Duarte das Chagas (PUC-Rio)

<i>Visões periféricas do acidente: Tchernóbil e os desastres brasileiros.....</i>	26
---	----

Julia Morgan Negrão (USP)

<i>As tensões analíticas e continentais no início da pesquisa filosófica institucionalizada no Brasil</i>	27
---	----

Artur Silva Nobre Mendes (UnB)

<i>Ambivalências da presentidade em Hegel: o embate Arantes–Lebrun sobre as figuras da temporalidade</i>	28
Natan Luis da Silva Oliveira (UnB)	
<i>O “Ressentimento da dialética” e os intelectuais russos</i>	29
Rodrigo Mortara Almeida (USP)	
<i>A incorporação do estilo jocoso de Paulo Emílio em Paulo Arantes</i>	30
Natalia Teixeira Rodrigues (UERJ)	
<i>As clínicas de Paulo Arantes</i>	31
Micael Arruda Correia (UnB)	
<i>Subjetividade na fronteira do estranhamento: clínica e política sob a barbárie social</i>	32
Amom Rodrigues de Moraes (UnB)	
<i>O amor como ato de resistência na periferia: ética e política em tempos de crise sistêmica</i>	33
Aylanne Sousa Vaz (UnB)	
<i>Entre norma e exceção: a pandemia como dispositivo de governo biopolítico</i>	34
Sally Barcelos Melo (UnB)	
<i>Guerra e paz: crítica e dialética no mundo como alvo....</i>	35
Thiago Canettieri (UFMG)	

<i>A canção de cisne de Carl Schmitt: uma genealogia da guerra cosmopolita.....</i>	36
Henrique de Almeida Valle (USP)	
<i>Figurações do ponto de vista da periferia na experiência intelectual brasileira</i>	37
Felipe Aiello (Unifesp)	
<i>A relação entre Paulo Arantes e Hannah Arendt: o fim da história e a banalidade do mal.....</i>	38
Isabella Alvarenga Lobo Frazão (UnB)	
<i>Imaginários da nação: a fronteira como exclusão</i>	39
Fabiana Santana de Oliveira (UnB)	
<i>Marilena Chauí em debate com Hannah Arendt: o fim da história e a banalidade do mal.....</i>	40
Indi Nara Corrêa (UnB)	
<i>Direitos humanos e(m) migração: a soberania do humanitário.....</i>	41
Jefferson Martins Cassiano (UnB)	
<i>O expert e o desconfiado: Paulo Arantes e a leitura estrutural na Maria Antônia.....</i>	42
André Cardoso Sznajder (USP)	
<i>Brasil, uma pátria cristã</i>	43
João Marcos da Trindade Duarte (UFPB)	

<i>Os sentidos da experiência em 'O novo tempo do mundo'</i>	44
Pablo Alves de Souza (UnB)	
<i>Cultura e Política – 1968/72 no "Câncer" de Glauber Rocha</i>	45
Paulo Yasha (USP)	
<i>Rosanvallon e as contribuições da figura do "povo-juiz" para a produção de um mundo comum.....</i>	46
Felipe Matos Lima Melo (UnB)	
<i>A questão da mediação em Walter Benjamin: algumas reflexões a respeito da Denkbild</i>	47
Maria Clara Rodrigues Rocha (UnB)	
<i>Paisagens arruinadas e o tempo do fim: Otília e Paulo Arantes, Benjamin e a espera exaurida</i>	48
Jade Oliveira Chaia (UnB)	
<i>Origem e experiência singular temporal em Walter Benjamin</i>	49
Iasmin Leiros Sarmiento da Silva (UnB)	
<i>Paulo Arantes e a coleção Zero à Esquerda.....</i>	50
Lucas Paolillo (Unesp)	

O ponto cego de Jürgen Habermas: contrarrevoluções permanentes e o esgotamento da dialética da eticidade na periferia..... 51

Igor Torres Santos Magalhães (UnB)

*É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim da filosofia? Filosofia frente e verso em Paulo Arantes*52

Pedro Guimarães Pinho (UnB)

Mesas de Debates

Negação e Exceção..... 54

Felipe Catalani (UFF)

Pressupostos, salvo engano, do “ressentimento da dialética”56

Marildo Menegat (UFRJ)

Um acordo entre o pescoço e a espada: contrato e luta armada nas obras de Ghassan Kanafani e Mahmoud Darwish58

Ana Cotrim (UnB)

A revolução já foi mais importante do que a arte: Mário Pedrosa na encruzilhada do modernismo brasileiro59

Marcelo Mari (UnB)

Se já era, por que a pressa? 60

Silvia Viana (EAESP–FGV)

Professor tem tempo a perder? O “intelectual do contra” entre ruínas da “formação” e “o inevitável” 61

Gilberto Tedeia (UnB)

Ambivalências da política em Paulo Arantes..... 63

José Cesar de Magalhães Junior (NCT / FAU-USP)

Reconfiguração geopolítica, armas nucleares e as novas linhas globais..... 64

Lucas Moura Vieira (UnB)

Pensar o declínio: tecnofeudalismo e crise da modernidade.....65

Alex Hochuli (BungaCast)

O “Departamento francês de ultramar” 30 anos depois
..... 66

Denilson Cordeiro (Unifesp)

O ponto de vista da formação: notas sobre ‘Um departamento francês de ultramar’67

Antonio Fernando Longo Vidal Filho (USP)

Aventuras da expressão: aspectos da prosa crítica entre pensamento literário e pensamento filosófico..... 68

Silvio Rosa Filho (Unifesp)

Guerre et paix à nos enfants que não quiseram entrar e pedem pra sair..... 69

Frederico Lyra de Carvalho (UPJV – França)

Brasilianizações.....70

Giovanni Zanotti (UnB / CEIS20 – Coimbra)

Oficina

<i>Crítica em crise</i>	73
Priscila Rossinetti Rufinoni, Benedetta Bisol, Érica Araujo Rocha, Andressa Brandão do Nascimento, Aylanne Vaz, Gabriella Mendes de Brito, Marcelo Lima (UnB)	

Mesa Redonda

<i>“Entre, a filosofia está aberta</i>	76
Priscila Rossinetti Rufinoni, Benedetta Bisol, Paulo Bareicha (UnB)	

-APRESENTAÇÃO-

APRESENTAÇÃO

No ano da queda do Muro de Berlim, Francis Fukuyama lançava a ideia de um “fim da história” e do início concomitante da era da repetição do *Mesmo*. Talvez um argumento indireto a favor desta tese tão vituperada seja o fato de sua crítica ter consistido, inúmeras vezes, na repetição da mesma evidência: coisas continuam acontecendo – não à altura, portanto, do “novo tempo” que estava de fato se anunciando, embora com sinais trocados em relação ao triunfalismo oficial da época.

Há alguns anos, parece que uma segunda mudança está ocorrendo. Frente à chamada “Grande Regressão” da extrema direita no Norte e no Sul, à intensificação exponencial de eventos catastróficos, ao retorno das paixões políticas em revoltas de novo tipo e à consequente deslegitimação da ordem neoliberal, multiplicam-se por todo lado os diagnósticos de um “fim do fim da história”. Retomando a tese central de um livro com este título, Paulo Arantes observou que, embora o sentido do processo continue enigmático, tudo pode implicar menos uma volta ao passado: “está claro que o

Fim da História chegou ao fim sem que, no entanto, a História tenha recomeçado a sua escalada”.

O comentário encontra-se em um breve ensaio dedicado à contribuição brasileira na virada, *“Post-scriptum sobre o décimo aniversário (das Jornadas de Junho)”*. Às mesmas Jornadas, e à normalização que se seguiu no país, Paulo Arantes dedicou também o último ensaio do livro *O novo tempo do mundo* (2014), intitulado: *“A paz será total”*. Ao repropor este título em forma de interrogação, pretendemos dedicar a V Jornada de Filosofia Política da Universidade de Brasília a uma reflexão sobre o estado da crítica social e da luta política emancipatória no tempo atual de crise sistêmica em nível nacional e global, com atenção especial à novidade dos impasses e – ao mesmo tempo e pela mesma razão – à novidade eventual das possibilidades de intervenção teórica e prática.

Nesse horizonte, o Grupo de Pesquisa em Ética e Filosofia Política da Universidade de Brasília¹, registrado e certificado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, desempenha papel central como fórum permanente de discussão e difusão acadêmica. Com reuniões quinzenais, o

objetivo do grupo é promover leituras compartilhadas, seminários com pesquisadores convidados e pesquisadoras convidadas e comunicações de resultados parciais de pesquisas desenvolvidas pelo corpo docente e discente do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

Está é a *quinta* edição da Jornada. A primeira edição ocorreu em 2013, organizada por Maria Cecília Pedreira de Almeida, Alex Calheiros e Gilberto Tedeia, tendo por tema: *Política – filosofia, política e engajamento*. O encontro já prenunciava a diretriz do grupo, preocupado tanto com questões metodológicas e históricas como com problemas atuais da sociedade e da vida. Constituía-se, assim, um grupo com vocação e abertura para o debate democrático e transdisciplinar.

Em 2014, realizou-se a II Jornada², com o título, sempre atual, *A universidade e a ditadura*, organizada por Marica Cecília Pedreira de Almeida, Gilberto Tedeia, Alex Calheiros, Márcio Gimenes de Paula, Priscila Rufinoni, professores do FIL UnB, e Marcelo Mari, docente do curso de Teoria da Arte da UnB, que se tornaria parceiro nas próximas edições. Em

sua terceira versão³, em 2015, Priscila Rufinoni e Marcelo Mari organizaram um evento que dava continuidade ao assunto, *Universidade e estado de exceção*. A IV Jornada⁴, em 2017, teve por título *Pensar a Cidade*, foi organizada por Maria Cecília Pedreira de Almeida, Gilberto Tedeia, Alex Calheiros e Marcelo Mari, em conjunto com o V Encontro do GT de Filosofia e Direito da ANPOF, homenageando o professor Milton Meira do Nascimento.

Vários destes eventos resultaram em publicações. Destacam-se o livro *Filosofia, Política e Engajamento - quando filosofia e vida se encontram*⁵, organizado por Alex Calheiros, Gilberto Tedeia, Maria Cecília Pedreira de Almeida, prefaciado por Vladimir Safatle e com apresentação de Silvio Rosa, lançado pela editora Alameda em 2019; e *Ditadura, modernização conservadora e universidade: debates sobre um projeto de país*⁶, organizado por Marcelo Mari e Priscila Rufinoni, publicado em 2015 pela Editora da UFG. Também resultado das Jornadas, em 2018, a Revista *Philosophos* da UFG publicou um dossiê "*Pensar a cidade*"⁷ e outro dossiê de igual nome foi lançado pela Revista *Pólemos*⁸.

A edição de 2017, ampliou o escopo da Jornada ao incorporar, além de comunicações, mesas de debates e conferências, atividades de formação docente e extensão universitária. Foram convidados para o evento o PIBID (Projeto de bolsas de iniciação à docência da Filosofia) e o projeto extensionista *A quem pertence a cidade?*, coordenado à época por Priscila Rufinoni, Gigliola Mendes e Benedetta Bisol, cuja atuação propunha oficinas e atividades interdisciplinares para escolas de ensino médio do Distrito Federal. Na IV Jornada, recebemos para uma oficina a escola de Taguatinga na qual atuavam os estudantes do PIBID. Nesta V Jornada, a organização reafirma o compromisso com a licenciatura e a extensão, promovendo novamente uma série de atividades no formato de oficinas abertas ao público do ensino médio.

Em consonância ao projeto inicial do grupo e de suas Jornadas, as contribuições reunidas neste caderno interrogam categorias, revisitam tradições críticas, experimentam hipóteses e mapeiam deslocamentos — não para reconduzir o passado ao centro, mas para testar o alcance de uma imaginação política à altura de um tempo sem garantias.

Que este caderno sirva de convite ao debate, ao desacordo produtivo e à construção partilhada de problemas — entre o diagnóstico da crise e a aposta no porvir.

As Editoras

¹ Cf. <https://www.filosofiapoliticaunb.com/>

² Cf. <https://jornadafilosofiapoliticaunb.wordpress.com/programacao-2/>.

³ Cf. <https://jornadafilosofiapoliticaunb.wordpress.com/programacao/>.

⁴ Cf. <https://jornadaunb.wixsite.com/website>.

⁵ Disponível para compra em:

<https://www.alamedaeditorial.com.br/filosofia/filosofia-politica-e-engajamento-org-alex-calheiros-gilberto-tedeia-maria-cecilia-pedreira#:~:text=As%20rupturas%20e%20os%20engajamentos,olhar%20proporcionado%20pela%20filosofia%20pol%C3%ADtica.&text=Sobre%20os%20%20organizadores:%20A%20lex%20Calheiros,essencial%20nos%20dias%20que%20correm>.

⁶ Disponível para *download* em:

https://aparecidospoliticos.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Livro_Ditadura_e_modernizacao_conservadora.pdf.

⁷ Disponível para *download* em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/issue/view/2023>.

⁸ Disponível para *download* em: <https://doi.org/10.26512/pl.v7i13>.

-COMUNICAÇÕES-

DO VERDEAMARELISMO À BRASILIANIZAÇÃO:
o autoritarismo na cultura política brasileira

Andressa Brandão do Nascimento

Universidade de Brasília

RESUMO: O presente trabalho propõe investigar como a permanência do autoritarismo na cultura política brasileira se sustenta, a partir da análise do conceito de "verdeamarelismo", de Marilena Chauí, e da "brasilianização", de Paulo Arantes. Em Chauí, defende-se que a constituição de uma suposta nação homogênea, marcada ideologicamente pela negação da luta de classes e naturalização da hierarquia, constituem um imaginário coletivo antidemocrático e que exalta o totalitarismo. Em diálogo com essa perspectiva, Paulo Arantes argumenta que o autoritarismo é um traço estrutural da modernidade periférica brasileira, onde a ordem social opera sem universalização de direitos, causando a impossibilidade de democratização, na medida em que se cria um populismo autoritário.

Palavras-chave: Autoritarismo. Política. Nação. Democracia. modernidade.

A CRISE TAMBÉM É ESTÉTICA

diálogos críticos entre o nazifascismo e o bolsonarismo

Mayara Franca Moreirarte

Universidade de Brasília

RESUMO: Esta apresentação pretende analisar um possível deslocamento da iconografia política presente entre a produção imagética nazifascista, desenvolvida de forma analógica durante os regimes do fascismo de Benito Mussolini na Itália e do nazismo de Adolf Hitler na Alemanha entre os anos 1920 e 1945, e a desenvolvida, sobretudo de maneira tecnológica digital do século XXI e das mídias sociais ao longo do governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, de cunho autoritário e neonazifascista, entre 2018 e 2022. A metodologia para a análise destas imagens de massa se baseia nos conceitos do historiador da arte Aby Warburg (1866-1929) de *Pathosformel* ("fórmula do patético"), de *Nachleben* ("pós-vida") e de Engramas ("marcas na memória"), que trazem a perspectiva de que fórmulas repetidas e ativadas por contextos sociais e políticos diversos podem produzir sobre o espectador efeitos similares. A despeito do tempo e do espaço, detecta-se uma consonante identificação de formas, de representações, de simbologias e de sentimentos nas imagens entre estes regimes da extrema direita, entre o fascismo analógico e o fascismo digital.

Palavras-chave: Bolsonarismo. Iconografia política. Estética nazifascista. Estética bolsonarista.

A 'CONJUNTURA DEMONÍACA' QUE PEDE IDENTIFICAÇÃO junho e o fim da formação nacional

Nilton Augusto Duarte das Chagas

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RESUMO: A compreensão do nosso extenso agora não decifrado e o desmanche do nosso anterior regime de historicidade têm uma importante variação de datas e diagnósticos. Em seu *Post-Scriptum* sobre o décimo aniversário, Paulo Arantes trata deste nosso Acontecimento ainda não identificado, que trouxe consigo o nome próprio de uma comunidade política imaginada, "uma sociedade nacional, em suma [...] uma 'espera em comum'". Minha hipótese é que, apesar da importante variação de datas e diagnósticos, Junho não foi somente um processo de esgotamento do que se propunha na Nova República, mas seria uma espécie de culminar, em forma de Acontecimento, do esgotamento do processo de modernização brasileira em vários aspectos, que por vezes gostamos de denominar por Formação nacional. O ponto é que este Acontecimento, no sentido benjaminiano de limiar, no fim das contas resultou na nossa Paz Total. Abortada ou completa, para emprestar os termos dos Arantes, ainda se trataria de formação.

Palavras-chave: Formação. Junho. Acontecimento.

VISÕES PERIFÉRICAS DO ACIDENTE

Tchernóbil e os desastres brasileiros

Julia Morgan Negrão

Universidade de São Paulo

RESUMO: A comunicação usará a ideia de "acidente" para pensar o significado dos eventos chamados de "desastres". Pretende-se traçar um percurso que conecte a conformação de um evento como "acidente" com as respostas políticas elaboradas a partir dele. Com isso temos dois intuitos: em primeiro lugar, sugerir que o "acidente" surge como categoria explicativa no momento em que se fecha o horizonte de expectativas. Para tal, seremos guiados por relatos do livro *Vozes de Tchernóbil*, em especial os que afirmam terem visto no desastre nuclear o fim do projeto soviético e que ressaltam a ausência de imaginação que o sucedeu. Em segundo lugar, nosso intuito será perguntar sobre a configuração de eventos que, apesar de historicamente produzidos, são metabolizados como "desastres". O caso brasileiro apontará que a produção de um acontecimento como "acidente", algo que foge da agência e da política, é imprescindível para o curso que produz novos "acidentes". Pensando o "acidente" como categoria de conformação da experiência histórica contemporânea, pretendemos, por outro lado, mostrar sua força ideológica e, assim, contribuir para o diagnóstico das catástrofes presentes e futuras.

Palavras-chave: Acidente. Desastre. Tchernóbil. Imaginação. Experiência.

AS TENSÕES ANALÍTICAS E CONTINENTAIS NO INÍCIO DA PESQUISA FILOSÓFICA INSTITUCIONALIZADA NO BRASIL

Artur Silva Nobre Mendes

Universidade de Brasília

RESUMO: A apresentação tem como tema central as tensões entre as tradições filosóficas analítica e continental, com foco na forma de institucionalização da filosofia no Brasil, especialmente a partir da criação do programa de pós-graduação em Filosofia da USP em 1958. Analisa-se como a filosofia, ao longo da modernidade, passou a refletir sobre seu próprio fim, especialmente após a chamada “virada linguística”, em que a linguagem deixa de ser instrumento para se tornar condição de inteligibilidade. Essa transformação contribui para a cisão entre filosofia continental e filosofia analítica, como aponta Franca D’Agostini. Apesar das diferenças, ambas convergem na valorização da forma do discurso filosófico como essencial para o conteúdo.

Palavras-chave: Tradição exegética. Filosofia analítica. Filosofia continental. Institucionalização da filosofia.

AMBIVALÊNCIAS DA PRESENTIDADE EM HEGEL
o embate Arantes–Lebrun sobre as figuras da
temporalidade

Natan Luis da Silva Oliveira

Universidade de Brasília

RESUMO: Em *Hegel: a ordem do tempo*, um dos principais resultados alcançados por Paulo Arantes em sua investigação do conceito hegeliano de tempo diz respeito à ambivalência da presentidade (*Gegenwärtigkeit*) em Hegel, significando tanto o presente finito da série temporal (ou seja, o Agora) quanto o presente absoluto e infinito da eternidade. A interpretação de Arantes se desenvolve em oposição àquela oferecida por Gérard Lebrun n'A *Paciência do Conceito*, no qual os limites da "reunião com o tempo" só poderiam ser concebidos enquanto uma neutralização do tempo com a figura fenomenológica do Saber absoluto. A cronografia elaborada por Arantes remete à experiência intelectual da mudança de regime da temporalidade histórica, possibilitando uma leitura que contorne uma temporalidade contínua e uniforme. Dessa forma, pretendemos retomar a análise das figuras da presentidade no jovem Arantes e seus ecos tardios contidos em *O novo tempo do mundo*, a fim de compreender o pensamento que, no interior do regime do presente, pretende conceber sua ultrapassagem, procurando sinais de ruptura e abertura ao futuro, isto é, o desbloqueio do advento do Novo.

Palavras-chave: Tempo. Presentidade. Presentismo. Eternidade. Lebrun.

O 'RESSENTIMENTO DA DIALÉTICA' E OS INTELECTUAIS RUSSOS

Rodrigo Mortara Almeida

Universidade de São Paulo

RESUMO: Em uma conhecida passagem das *Ideias fora do lugar*, Roberto Schwarz associa, pela via do "sistema de ambiguidades ligadas ao uso local do ideário burguês", as raízes da literatura brasileira com as da literatura russa, porém sem avançar muito na comparação dessas "comédias ideológicas". No *Ressentimento da dialética* — segundo o seu próprio autor — a sequência da análise da posição do intelectual na periferia deveria acabar na Rússia, em capítulo nunca escrito. A ideia desta comunicação é de partir de uma análise do *Ressentimento* para pensar possíveis caminhos que possam ajudar a desvendar o funcionamento próprio da ideologia e a posição do intelectual na Rússia pré-revolucionária — um movimento já esboçado pela tradição crítica brasileira. Acreditamos que um desses caminhos já foi indicado por Bakhtin: o do intelectual *raznotchiniets*, cujas "ideias fixas" parecem, à primeira vista, diametralmente opostas à volubilidade de seus pares brasileiros.

Palavras-chave: Ressentimento da dialética. Rússia. Paulo Arantes. Roberto Schwarz. *Raznotchiniets*.

A INCORPORAÇÃO DO ESTILO JOCOSO DE PAULO EMÍLIO EM PAULO ARANTES

Natalia Teixeira Rodrigues

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: Ler Paulo Arantes é, à primeira vista, difícil e divertido; investigo o riso indicado por Roberto Schwarz ao notar a influência de Paulo Emílio em Arantes. De gerações distintas, ambos enfrentam a ideia de formação que, após o Golpe de 1964, mostrou-se mito regulador irrealizável, mas irrenunciável. Em Paulo Emílio, isso surge em *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*, como desejo truncado de termos um cinema; em Arantes, em *Um Departamento Francês de Ultramar*, como desejo de termos uma filosofia. A inspiração comum é Antonio Candido: se a literatura formou sistema no século XIX, cinema e filosofia malogram no XX. Paulo Emílio expõe a fragilidade filme-público; Arantes evidencia quase total: entre filosofia e público e entre autor e obra. Além do motivo comum, Arantes incorpora o estilo de Paulo Emílio: consciência catastrófica do subdesenvolvimento, humor autobiográfico e jogo entre real e fictício. A fase jacobina de Paulo Emílio (ensaios e *Três Mulheres de Três PPPÊS*) ecoa em Arantes (*Fio da Meada e Dicionário de Bolso...*). Ambos criticam consumo passivo, colonialismo e ilusões cosmopolitas, e desnudam a cretinice elitista exposta em 1964.

Palavras-chave: Formação. Ironia. Paulo Emílio. Paulo Arantes.

AS CLÍNICAS DE PAULO ARANTES

Micael Arruda Correia

Universidade de Brasília

RESUMO: Apesar da pouca feição de Paulo Arantes por abordagens que conciliem de um jeito ou de outro o pensamento hegel-marxista com a psicanálise, é possível notar no percurso de seu pensamento um esforço quase que psicanalítico de entender os impasses da Dialética no mundo contemporâneo a partir de seus desvios, *modus operandi* profícuo de quem busca extrair a verdade do Todo a partir de uma cena Particular, ou de entender os valores morais de uma sociedade tendo em vista suas manifestações tidas como patológicas. A posição do filósofo na periferia do mundo constitui lugar privilegiado caso pretenda ler as dinâmicas de exploração e dominação até os giros da filosofia nas zonas concêntricas, na medida em que é capaz de expor o fundo falso constituinte do chão bruto de onde enunciam. O manuscrito que se segue foi uma hipótese pormenorizada de derivar um estilo clínico do pensamento Aranteziano, colocando em tensão sua relação com a psicanálise. Ele está dividido em três partes que se apoiam em três textos específicos: *Ressentimento da Dialética*, *Hegel no espelho do Dr. Lacan* e *O Novo Tempo do Mundo*.

Palavras-chave: Paulo Arantes. Psicanálise. Lacan. Dialética. Ressentimento.

SUBJETIVIDADE NA FRONTEIRA DO ESTRANHAMENTO
clínica e política sob a barbárie social

Amom Rodrigues de Moraes

Universidade de Brasília

RESUMO: Ensaio investiga o conceito de limite, do lógico ao histórico. Com base em Hegel, deriva o limite da mediação universal-particular-singular e de sua exteriorização em espaço e tempo; na passagem especulativa entre ambos emerge o conceito, que orienta a transição da Lógica à Natureza via idealidade espaço-temporal. Em seguida, examina a incorporação histórica do limite, articulando negatividade do tempo e negatividade do Conceito: a perda natural é reelaborada simbolicamente (Arantes). Fora de Hegel, mobiliza Koselleck: "estratos do tempo" e a contemporaneidade do não contemporâneo. Dialoga com a noção de "tempo do mundo" (Arantes) e com os ciclos sistêmicos de acumulação (Arrighi: genovês, holandês, britânico, norte-americano). Mostra como modernidade reconfigura espaço-tempo e experiência histórica, com ênfase periférica brasileira, e propõe, na condição pós-moderna, pensar o colapso/fragilização dos limites como forma de estranhamento do ser social.

çl

Palavras-chave: Limite. Tempo do mundo. Modernidade. Estranhamento. Ser social.

O AMOR COMO ATO DE RESISTÊNCIA NA PERIFERIA ética e política em tempos de crise sistêmica

Aylanne Sousa Vaz

Universidade de Brasília

RESUMO: Em um momento histórico marcado por uma crise sistêmica profunda, como resistir e transformar a sociedade em que as formas tradicionais de luta política já não funcionam? Emerge na periferia uma potência silenciosa e revolucionária: o amor. Esta força vital, longe de ser uma mera abstração sentimental, constitui um ato insurgente de resistência e cura que atravessa as barreiras da exclusão social, do racismo estrutural e da violência cotidiana. Este trabalho propõe uma reflexão crítica e interdisciplinar sobre o amor enquanto força política insurgente, tomando como ponto de partida o pensamento de bell hooks e estabelecendo um diálogo com as perspectivas de Sueli Carneiro, Milton Santos e Paulo Arantes. A escolha desses autores não é casual, mas fundamentada na singularidade de seus olhares sobre a periferia — seja ela geográfica, social ou epistemológica — e sobre as formas múltiplas de resistência que nela se desenvolvem. Esta reflexão traz o amor para o centro das disputas políticas, desafiando a lógica da dominação com a potência do afeto e do cuidado.

Palavras-chave: Amor. Política. Periferia. bell hooks. Resistência.

ENTRE NORMA E EXCEÇÃO

a pandemia como dispositivo de governo biopolítico

Sally Barcelos Melo

Universidade de Brasília

RESUMO: Esta comunicação explora a crítica de G. Agamben à biopolítica moderna, articulando-a com o conceito de "estado de exceção" e sua manifestação durante a pandemia de *COVID-19*. Partindo das bases foucaultianas, Agamben identifica no campo de concentração nazista o paradigma da redução da vida humana à "vida nua", onde o poder soberano opera além do ordenamento jurídico. O autor argumenta que, no século XXI, a exceção tornou-se técnica permanente de governo, materializando-se na gestão de emergências sanitárias. A pandemia é analisada como um caso emblemático: sob o pretexto do "terror sanitário" e não mais da emergência bélica ou ameaça terrorista, estados suspenderam garantias constitucionais, impuseram controle social via distanciamento e vigilância digital, e transformaram corpos em dados epidemiológicos. Exemplos do Brasil e Itália ilustram como medidas de exceção (como decretos sem participação popular e ações judiciais coercitivas) consolidaram uma espécie de despotismo tecnossanitário, erodindo dimensões políticas e afetivas da vida. Agamben alerta para a normalização dessa lógica, onde a vida nua é gerida por especialistas, e a democracia cede lugar a um poder que opera na zona de indistinção entre norma e exceção.

Palavras-chave: Biopolítica. Estado de exceção. Vida nua. Pandemia. Governo de emergência. Direitos fundamentais.

GUERRA E PAZ

crítica e dialética no mundo como alvo

Thiago Canettieri

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Certamente, se os meios de produção se desenvolveram do século XIX para o século XXI, os meios de destruição também se sofisticaram e tornaram a capacidade de fazer guerra mais eficiente. Outra mutação: de lá para cá, a guerra organizada, de fronts, exércitos e ocupação, foi se esvanecendo e, em seu lugar, emergiu uma guerra civil molecular dispersa. A filosofia de Paulo Arantes oferece régua e compasso para compreender tal mutação. Essa comunicação busca rastrear em *Extinção*, *Novo tempo do mundo* e *O mundo como alvo*, as metamorfoses que a noção de guerra passou. Na primeira obra se refletia sobre o papel da polícia global e o clima geral da guerra contra o terrorismo. Já ficava evidente ali que o "mortífero dispositivo moderno" da guerra começava a ser pervertido com as "incursões terroristas avulsas". Em *O novo tempo do mundo*, guerra parece operar como um dispositivo de exceção para descrever o funcionamento normal da sociedade (o trabalho sujo, as zonas de espera, o sinal de alarme). Por fim, em *O mundo como alvo*, Arantes parece buscar compreender como o léxico, o funcionamento e o princípio militar penetraram toda a vida.

Palavras-chave: Guerra. Violência. Crise.

A CANÇÃO DE CISNE DE CARL SCHMITT
uma genealogia da guerra cosmopolita

Henrique de Almeida Valle

Universidade de São Paulo

RESUMO: Dentre a multitude de referências que permeiam a obra de Paulo Arantes, a presença de um autor maldito como Carl Schmitt não deixa de suscitar curiosidade. Seja como índice do cinismo das classes dirigentes ou como antídoto das promessas do liberalismo, a produção intelectual do “jurista coroado do Terceiro Reich” aparece nos textos e falas de Arantes como um importante dispositivo no processo de compreensão da barbárie passada e atual. Partindo da forma como Schmitt é acionado em *Notícias de uma Guerra Cosmopolita* e *O Mundo-Fronteira*, momento em que Arantes estava se voltando para as mutações do sentido do imperialismo e da guerra, o presente trabalho tem como seu principal objetivo apresentar sinopticamente a gênese conceitual da “canção de cisne” de Schmitt, ou seja, a gênese do prognóstico sombrio que o jurista formulou a respeito dos impasses que caracterizavam a nova ordem global que se organizou após a derrota militar do nazismo.

Palavras-chave: Carl Schmitt. Imperialismo. Estados Unidos.

FIGURAÇÕES DO PONTO DE VISTA DA PERIFERIA NA EXPERIÊNCIA INTELECTUAL BRASILEIRA

Felipe Aiello

Universidade Federal de São Paulo

RESUMO: Nesta comunicação pretendo expor algumas figurações do ponto de vista da periferia nas obras de Antonio Candido, Roberto Schwarz e Paulo Eduardo Arantes. O ponto de vista da periferia, como mostrou o crítico literário Roberto Schwarz, comparece de maneira célebre em Joaquim Nabuco, quando este argumenta que o Brasil está fora da ciência assentada sobre o princípio do trabalho livre, pois domina "o fato impolítico e abominável da escravidão". Temos algo como uma intuição do descompasso entre centro e periferia do sistema capitalista. Schwarz ressalta o "ponto nevrálgico" em que se expressam os deslocamentos ideológicos em terras brasileiras, sem o qual o Sistema Literário escavado por Antonio Candido não poderia afirmar uma cor local ao descompasso entre ideias e chão social. Resta saber, conforme coloca Paulo Arantes, em que pé estamos nesta báscula do ponto de vista periférico.

Palavras-chave: Capitalismo. Periferia. Experiência intelectual.

A RELAÇÃO ENTRE PAULO ARANTES E HANNAH ARENDT o fim da história e a banalidade do mal

Isabella Alvarenga Lobo Frazão

Universidade de Brasília

RESUMO: Arantes e Arendt, formados em tradições distintas, convergem na crítica à modernidade: despolitização, esgotamento da experiência histórica e formas de violência que prescindem de subjetividade. Em *O novo tempo do mundo*, Arantes diagnostica o colapso das grandes narrativas, o velamento do tempo histórico, a privatização do futuro e a catástrofe normalizada nas periferias do capitalismo, com presente estéril e sem perspectiva coletiva. Em *A condição humana*, Arendt distingue labor, trabalho e ação; esta, núcleo do político, é esvaziada pela primazia das esferas produtivas. Em *Eichmann em Jerusalém*, formula a banalidade do mal: danos produzidos por obediência burocrática e ausência de pensamento e julgamento. Em diálogo, ambos descrevem a naturalização da barbárie: zonas de exceção, necropolítica e rotina de violência que já não surpreende. Arendt explica a engrenagem mental; Arantes, suas condições histórico-sistêmicas. Juntos, mostram um mundo administrado em que o mal se banaliza e a história perde potência transformadora.

Palavras-chave: Banalização. Fim da história. Desumanização.

IMAGINÁRIOS DA NAÇÃO a fronteira como exclusão

Fabiana Santana de Oliveira

Universidade de Brasília

RESUMO: O mundo atual encontra-se diante de sua maior crise migratória desde a Segunda Guerra, uma crise prolongada de deslocamentos, guerras e nacionalismos, que desencadeiam uma exclusão sistemática. A soberania nacional, recorrendo às fronteiras e à identidade nacional, é uma arma poderosa que parece justificar e fundamentar a exclusão de uma parcela abundante de indivíduos. Os mecanismos de controle fronteiriços são sintomas de um mundo que não superou o paradigma nacional. A permanência da nação como forma de imaginário político impede uma crítica ao sistema mundial em crise; pensar alternativas exige desnaturalizar as fronteiras. Donatella Di Cesare e Étienne Balibar, contribuições contemporâneas à crítica da política moderna, são fundamentais para esse debate. Para isso, também é imprescindível recorrer a autores como Ernest Renan para pensar o nacionalismo e a identidade nacional. Considerando essas colaborações, o objetivo deste trabalho é refletir sobre a construção histórica e política da fronteira a partir da ficção nacional. Busca-se mostrar como a fronteira, enquanto produto dessa ficção, opera como dispositivo de exclusão.

Palavras-chave: Fronteira. Exclusão. Migração. Nação.

MARILENA CHAUI EM DEBATE COM HANNAH ARENDT
a banalidade do mal na era das plataformas digitais

Indi Nara Corrêa

Universidade de Brasília

RESUMO: Nos últimos anos, cresceu no Brasil a controvérsia em relação à discussão entre os limites da liberdade de expressão e o surgimento das *fake news*, impulsionado pelo predomínio do ambiente virtual nas relações humanas e no debate público. Em busca de compreender as implicações e os resultados dessa nova forma de experiência e relacionamento social e político, a comunicação pretende investigar como a disseminação de notícias falsas, escondida atrás de uma alegada defesa da liberdade de expressão, evidencia a banalização da violência no ambiente virtual. Em vista disso, o objetivo desse trabalho é primeiramente refletir, de forma breve, sobre o conceito de violência no pensamento das filósofas Marilena Chaui e Hannah Arendt. Em seguida, pretende-se defender a tese de que as *fake news* colaboram para a perpetuação daquilo que Chaui chamou de “o mito da não violência brasileira”, e como isso pode corresponder, conforme propõe a filósofa brasileira, ao conceito arendtiano de “banalidade do mal”. Por fim, recorrendo à distinção feita por Arendt entre verdade e opinião, a intenção mais abrangente dessa comunicação é discutir a ideia de que a disputa pela verdade é acima de tudo uma disputa política.

Palavras-chave: Marilena Chaui. Hannah Arendt. Violência. Banalidade do mal. *Fake news*. Verdade.

DIREITOS HUMANOS E(M) MIGRAÇÃO

a soberania do humanitário

Jefferson Martins Cassiano

Universidade de Brasília

RESUMO: Os últimos dez anos têm sido marcado por severas crises humanitárias e medidas governamentais radicais contra a migração: criminalização, deportação, rechaço (*pushback*), fronteirização (*outsourcing*), encampamento. Há vários indícios de uma fratura estrutural nas conflituosas políticas dos direitos humanos. Diante deste cenário, a ambiguidade do título busca incentivar a reflexão sobre a relação entre direitos humanos e migração, em especial a respeito de o avanço da soberania estatal sobre a emergência humanitária para torná-la estratégia de omissão de direitos já declarados. Ajudam na argumentação os conceitos foucaultianos de biopolítica e governamentalidade. Trata-se de perceber um sinal de alerta em que urge problematizar os impactos provocados pelos abusos de recursos excepcionais e temporários, cada vez mais aplicados como estratégia de gestão de riscos para lidar com a “ameaça indesejada” a ser combatida. Logo, parece ser oportuno considerar o que significa transferir um estereótipo de compaixão humanitária para os direitos humanos, como se servissem à benevolência soberana dos governantes.

Palavras-chave: Política dos direitos humanos. Humanitarismo. Migração. Governamentalidade. Biopolítica.

O EXPERT E O DESCONFIADO

Paulo Arantes e a leitura estrutural na Maria Antônia

André Cardoso Sznajder

Universidade de São Paulo

RESUMO: Pretendemos esboçar alguns aspectos da relação de Paulo Arantes com a tradição da leitura estrutural. Buscaremos, em primeiro lugar, oferecer um panorama geral da assimilação brasileira da historiografia filosófica estruturalista. A partir da formação de uma cultura filosófica de matriz francesa na Faculdade de Filosofia, pretendemos situar em linhas gerais as filiações e distanciamentos de Paulo Arantes em relação ao conceito de "sistema filosófico", desenvolvido por Martial Guérault e Victor Goldschmidt, em três momentos. (1) Na tese de doutorado, onde Arantes analisa a maneira pela qual o conceito hegeliano de tempo dá coesão a um sistema filosófico; (2) no *Ressentimento da dialética*, onde o sistema hegeliano aparece como a transposição filosófica dos impasses históricos de uma Alemanha incapaz de levar a cabo uma modernização capitalista em moldes clássicos; e (3) em *O fio da meada*, onde Arantes já vislumbra um lugar para a filosofia no drama da consciência profissional. Por fim, pretendemos, à luz das relações esboçadas por Arantes entre sistema e filosofia, discutir sua contribuição para a chamada tradição crítica brasileira.

Palavras-chave: Modernização. Periferia. Filosofia.

OS SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA EM 'O NOVO TEMPO DO MUNDO'

Pablo Alves de Souza

Universidade de Brasília

RESUMO: Buscaremos tentar identificar o conteúdo da experiência em três ensaios de *O novo tempo do mundo* (2014). Tomamos como ponto de partida seu segundo ensaio "Sale Bolout", passando por "Zonas de Espera", chegando em "Depois de Junho a Paz Será Total". A relação entre os ensaios pressupõe, sem dúvida, o ensaio que intitula e abre a obra. Nele, identificamos uma "experiência de tempo invertido". Essa inversão, inevitavelmente, atravessa os três textos citados. No entanto, em cada um deles, supomos, surgindo do interior desse tempo, outras experiências igualmente invertidas — ou negativas —, quer seja a do trabalho [sujo] cujas configurações remontam ao laboratório de Auschwitz e aos seus colaboradores, passando pelo teor do tempo nas zonas liminares [zonas de espera] do subproletariado mundial, chegando à experiência do Choque e Pavor, particularmente a "nova abordagem" como ferramenta de gestão emergente no calor da hora de Junho.

Palavras-chave: Experiência. Tempo. Política. Crise.

BRASIL, UMA PÁTRIA CRISTÃ

João Marcos da Trindade Duarte

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: Desde 2014, evangélicos brasileiros (quase 30% da população) alinhados à direita exigem reeleições à esquerda: de grupo ignorado após voto expressivo, tornaram-se chave analítica. Segundo Gabriel Feltran, convergem violência e controle por mercados ilegais e a expansão evangélica (pentecostal), configurando "Revolução jagunça" rumo à "pátria cristã". Propomos que não se trata de um projeto de Estado, mas de uma matriz cultural já vigente: a "Religiosidade Mínima Brasileira" (Prandi). Isabella Tritone Medeiros indicou, desde fins dos anos 1980, a mudança do núcleo: incorporação da cultura popular e passagem do isolamento à busca pelo espaço público. Manifestações: música gospel, memes virais, novelas e programas de entretenimento, boom de debates e publicações. Marcos: mística nos ataques aos Três Poderes em 08/01/2023 e virada apocalíptica do carnaval de 2024. Hipótese: a reestruturação produtiva alterou a percepção evangélica dos "tempos do mundo", fundando nova (1) gramática política, (2) programa de verdade, (3) horizonte de expectativa; tratar-se-ia, portanto, de nova matriz cultural que organiza o imaginário social brasileiro.

Palavras-chave: Cristianismo. Cultura política. Evangélicos. Matriz cultural.

CULTURA E POLÍTICA – 1968/72 NO ‘CÂNCER’ DE GLAUBER ROCHA

Paulo Yasha

Universidade de São Paulo

RESUMO: A exibição do filme *Câncer* de Glauber Rocha restringiu-se aos mais próximos do cineasta na sua volta ao Brasil, no início da década de 70. É justamente a história do filme que é narrada pelo autor na primeira sequência do longa, estilizando um procedimento didático brechtiano como paródia. O sentido é o de justapor sobre aquelas imagens, em tom improvisado e com a eloquência habitual de Glauber, a conjuntura político-cultural de onde surge o filme. O contexto é o de agosto de 1968. As imagens foram captadas “naquele dia” em que intelectuais discutiriam arte revolucionária no auditório do MAM. Uma época de agitações em que as vanguardas estudantis e culturais visavam a revolução sob a espada da ditadura iniciada em abril de 1964. A voz de Glauber, porém, narra de outro tempo e lugar quando finaliza o filme em 1972 em Roma. Aqui, o autor de *Terra em Transe* retoma um debate sobre a relação entre os intelectuais e a política no Brasil, agora sob o contexto do fim trágico daquelas agitações, em dezembro de 1968, com o AI-5. Assim, um dos seus principais próceres das vanguardas do período faz, na forma de uma experiência cinematográfica, um balanço crítico sobre as esquerdas e os intelectuais naquele ano de agitação.

Palavras-chave: Tropicalismo. Cinema brasileiro. Glauber Rocha.

ROSANVALLON E AS CONTRIBUIÇÕES DA FIGURA DO "POVO-JUIZ"

para a produção de um mundo comum

Felipe Matos Lima Melo

Universidade de Brasília

RESUMO: O texto apresenta a contribuição da figura do "povo-juiz", conceito central na obra de Pierre Rosanvallon, para a construção de um mundo comum em sociedades democráticas. A partir da noção de contra-democracia — conjunto de práticas cidadãs como vigilância, impedimento e julgamento —, o artigo destaca o papel do julgamento como forma política autônoma, capaz de corrigir a lei e produzir normas sociais, reforçando a legitimidade democrática. Apesar dos riscos da contra-democracia, como a dissolução do político e o predomínio da lógica da transparência, Rosanvallon propõe um "regime misto dos modernos", que articule democracia representativa, poderes contra-democráticos e o trabalho simbólico do político, a fim de repolitizar a democracia e possibilitar a produção de um mundo legível, comum e justo.

Palavras-chave: Rosanvallon. Povo-juiz. Contra-democracia. Julgamento. Mundo comum.

A QUESTÃO DA MEDIAÇÃO EM WALTER BENJAMIN
algumas reflexões a respeito da *Denkbild*

Maria Clara Rodrigues Rocha

Universidade de Brasília

RESUMO: A presente comunicação toma como foco a reflexão em torno de uma das questões mais desafiadoras para os leitores de Benjamin: a compreensão da dialética e a forma como o autor constrói em seus textos o que acredita cumprir os propósitos da dialética. As vias interpretativas que surgem desse espaço, bem como as disputas que surgem na interpretação de Benjamin, tornam esse debate um tanto mais aberto. Nas correspondências entre Adorno e Benjamin, o tema da mediação aparece como tópico sensível na relação dos dois autores. Para Adorno, Benjamin insistia em deixar "sem mediação" as imagens que apresentava no *Exposé* sobre a *Paris, capital do século XIX*, que pretendia ser um modelo inicial para o *Passagen-Werk*. A proposta é apresentar, num primeiro momento, a crítica adorniana ao *Exposé* das *Passagens*, e em um segundo momento tentar responder à questão que nos é tão cara: se é possível falar em mediação em Benjamin, em que termos se dá tal mediação?

Palavras-chave: Benjamin. Mediação. *Denkbild*.

PAISAGENS ARRUINADAS E O TEMPO DO FIM

Otília e Paulo Arantes, Benjamin e a espera exaurida

Jade Oliveira Chaia

Universidade de Brasília

RESUMO: A presente proposta explora o conceito de ruína como alegoria paradigmática da crise temporal e política contemporânea, estabelecendo conexões entre formas urbanas e a modernidade periférica. Busca-se, nessa medida, compreender como a ruína transcende seu aspecto material e estético, para se tornar forma alegórica — ou imagens dialéticas — das temporalidades suspensas e interrompidas, testemunho paradoxal de uma espera histórica exaurida e sem horizonte emancipatório. Ao mobilizar categorias fundamentais como metafísica da espera, imagem dialética e o tempo do fim, problematiza-se a possibilidade da crítica diante de um presente cristalizado pela catástrofe como normalidade histórica, articulando as fraturas urbanas, os tempos paralisados e as dinâmicas periféricas enquanto expressões conceituais e existenciais da espera esgotada.

Palavras-chave: Ruína. Modernidade. Imagem dialética. Espera histórica.

ORIGEM E EXPERIÊNCIA SINGULAR TEMPORAL EM WALTER BENJAMIN

Iasmin Leiros Sarmiento da Silva

Universidade de Brasília

RESUMO: Nas *Teses sobre o conceito de história*, Walter Benjamin confronta a linearidade do tempo predominante na teoria do progresso — uma concepção que, segundo ele, impede que a história seja preenchida por “agoras”. O conceito de história benjaminiano apresenta uma nova concepção de tempo: o “tempo de agora” (*Jetztzeit*). No entanto, essa nova concepção temporal se realiza com base nas formulações de um novo conceito de experiência — uma “experiência singular temporal”, própria da Modernidade. O conceito de experiência em Benjamin, articulado com novas categorias de temporalidade, aproxima o leitor de reflexões sobre a interrupção do continuum da história, permitindo, assim, uma forma de leitura do mundo que pode vir a revelar novas realidades.

Palavras-chave: Conceito de história. Experiência singular temporal. Walter Benjamin.

PAULO ARANTES E A COLEÇÃO ZERO À ESQUERDA

Lucas Paolillo

Universidade Estadual Paulista

RESUMO: A presente comunicação, ancorada em resultados de pesquisa parciais provenientes de um doutoramento sobre o itinerário de Paulo Arantes pela via da sociologia da cultura em vias de conclusão, tem por finalidade a exposição de elementos de itinerário relacionados à organização e aos propósitos da *Coleção Zero à Esquerda* da Editora Vozes. Coordenada por Iná Camargo Costa e por Arantes, a Coleção agregou autores nacionais e estrangeiros de variadas tendências, porém críticos ao *establishment* do fim de século. Para isso, serão apresentadas informações que caracterizam a Coleção, elementos contextualizantes e a costura de excertos, lançando mão da noção de "rastro", provenientes das declarações de Arantes.

Palavras-chave: Sociologia dos intelectuais. *Coleção Zero à Esquerda*. Paulo Arantes.

O PONTO CEGO DE JÜRGEN HABERMAS
contrarrevoluções permanentes e o esgotamento da
dialética da eticidade na periferia

Igor Torres Santos Magalhães

Universidade de Brasília

RESUMO: Em *Um ponto cego do projeto moderno de Jürgen Habermas*, Paulo e Otilia Arantes denunciam as contradições imanentes do projeto neo-iluminista de Habermas no âmbito da estética. Pretendo, nesta comunicação, seguir o espírito da crítica apresentada pela dupla paulista a Habermas, focando, principalmente, em dois problemas fundamentais de sua obra: (i) o diagnóstico habermasiano do capitalismo tardio e (ii) a ação comunicativa como projeto emancipatório. Partindo das peculiaridades da experiência brasileira e considerando o horizonte da fratura brasileira do mundo, busca-se confrontar o diagnóstico do capitalismo tardio de Habermas a partir do pensamento apresentado por Francisco de Oliveira em *O ornitorrinco e Privatização do público, destituição da fala e anulação política: o totalitarismo neoliberal* — momento em que as teses de Habermas parecem perder sua validade para a apreensão da realidade latino-americana.

Palavras-chave: Habermas. Capitalismo tardio. Ação comunicativa. Brasil. Emancipação.

É MAIS FÁCIL IMAGINAR O FIM DO MUNDO DO QUE O FIM DA FILOSOFIA?

filosofia frente e verso em Paulo Arantes

Pedro Guimarães Pinho

Universidade de Brasília

RESUMO: O tema do fim da filosofia emerge de maneira discreta na obra de Paulo Arantes, ora sendo recusado, ora tratado com reservas. Bento Prado Júnior, no prefácio ao *Ressentimento da dialética*, reconhece a posição anti-filosófica de Arantes, mas defende que sua obra mantém um vínculo com a filosofia, sobretudo em virtude da relação Marx/Hegel. Ruy Fausto, por sua vez, discorda, identificando em Arantes — especialmente em *O fio da meada* — uma postura anti-filosófica que desemboca em um marxismo dogmático, fechado à crítica. Levando a sério a recusa de Arantes à filosofia, sem assumir de antemão que ela decorra de um dogmatismo, argumento que o que se cristaliza em sua obra não é uma definição clara e explícita de filosofia, contra a qual caberia romper. Qualquer tentativa de defini-la nos conduz às contradições que ela própria produz, num movimento da história que se realiza no trabalho intelectual, mas que permanece irreduzível a ele. Quais são as consequências dessa forma de enxergar a filosofia — reflexo de uma postura no tratamento dos conceitos que atravessa toda a sua obra?

Palavras-chave: Dialética. Paulo Arantes. Filosofia. Anti-filosofia.

-DEBATES-

NEGAÇÃO E EXCEÇÃO

Felipe Catalani

Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Não seria um exagero dizer que o vínculo entre negatividade, o tipo de temporalidade que ela engendra e a forma de consciência que ela assume constitui o fio vermelho que costura, de forma zigue-zagueante, a obra de Paulo Arantes: desde sua tese de doutorado sobre Hegel, à primeira vista só uma boa tese em estilo uspiano, até seus escritos recentes sobre o Novo Tempo do Mundo, passando pelos múltiplos percursos da história intelectual da negação em Ressentimento da Dialética. Esse problema filosófico-político, na tradição marxista, é elaborado a fim de se pensar a figura conceitual da Revolução – tradicionalmente referida como “negação determinada”, ou “negação da negação”. Esse problema, que está vinculado à possibilidade da história e à emergência do novo, aparece em Paulo Arantes de forma um pouco mais complicada. É notório como, em O novo tempo do mundo, nosso autor afirma que “nenhum futuro será parido por esse círculo infernal, nenhuma gestação imanente movida a quantas negações da negação se queira” (Arantes, 2014, p. 398) – a própria noção de negação determinada (e a temporalização histórica que a ela corresponde) é declarada obsoleta. Mas em seu lugar entra um outro conceito, grafado com maiúsculo e tudo, altamente ambivalente, e que carece de explicação: trata-se do conceito de Exceção. Um conceito

que se refere, ao mesmo tempo, ao horror do presente (portanto, à normalidade e seu ciclo repetitivo de catástrofes), e ao seu oposto, a "Saída de Emergência" (ou seja, à quebra daquele ciclo). O que pretendemos investigar aqui é em que medida tal concepção representa uma ruptura e/ou uma continuidade em relação à noção de negação em Hegel, entendido por P. Arantes como o "último pensador capaz de acolher e articular uma experiência épica da temporalidade" e que enunciou a "essência aurática" do tempo, mas que, simultaneamente, pôs à mostra o declínio dessa mesma "aura" (Arantes, 2000, p. 375).

Palavras-chave: Negatividade. Temporalidade. Exceção. Hegel. Paulo Arantes.

PRESSUPOSTOS, SALVO ENGANO, DO 'RESSENTIMENTO DA DIALÉTICA'

Marildo Menegat

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Para Nietzsche, “[a] rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e apenas por uma vingança imaginária obtém reparação”. Este caráter negativo seria uma conquista subjetiva. Quando “o ressentido se torna um criador” e diz NÃO, a elaboração do ressentimento, que deve ir às raízes do sofrimento e eliminar suas causas, produz mudanças objetivas importantes na cultura, tornando-se um passo necessário à emancipação social. Este processo esteve na origem da sociedade moderna, quando intelectuais franceses, ainda no século da Revolução, viveram suas experiências entre salões, banquetes aristocráticos e as ruas. Eles, que compunham sua visão de mundo a partir destas oposições, traíram a aristocracia e fizeram do seu ressentimento pessoal uma aliança com os sofrentes, do que resultou, não a defesa de uma vingança punitiva, mas o desejo de um mundo racional. O ressentimento da dialética, por sua vez, seria algo como o niilismo passivo que o nazifascismo no passado produziu e a sociedade moderna, no tempo de sua crise estrutural, amplificou como mobilização total para a (auto)destruição. Assim, ela é um tipo de dialética

em que o ressentimento, ao invés de ser uma compreensão coletiva dos resultados funestos e dolorosos das leis cegas do sistema, se reifica numa crosta untuosa que substitui a cultura e passa a se expressar em convulsões de fúria, gerando um mecanismo vingativo que desfere golpes contra todos que primeiro fracassaram, por não terem suportado os sacrifícios devastadores que a 'mão invisível' impõe. Esta vingança revela um ódio contra os fracos, que antecipam o que os demais pressentem. A derrota deles é um enfraquecimento na crença do fetichismo. No ressentimento da dialética, como não há mais expectativa de revolução, o horror assume seu lugar."

Palavras-chave: Ressentimento. Dialética. Nietzsche. Paulo Arantes. Crise estrutural.

UM ACORDO ENTRE O PESCOÇO E A ESPADA:
contrato e luta armada nas obras de Ghassan Kanafani e
Mahmoud Darwish

Ana Cotrim

Universidade de Brasília

RESUMO: Com base na noção marxiana do contrato como expediente jurídico que aparenta igualdade e liberdade entre as partes, mas que, na realidade, oculta uma relação de poder — constituindo uma das formas da igualdade abstrata burguesa —, esta comunicação examina passagens das obras do poeta nacional palestino Mahmoud Darwish e do prosador palestino Ghassan Kanafani. A análise visa destacar como ambos figuram e desvelam a natureza do contrato, a efetiva relação de força que o sustenta e a forma necessária de resolução da ocupação colonial. De Darwish, serão mobilizados trechos de *O penúltimo discurso do índio pele vermelha ao homem branco* e *Da presença da ausência*; de Kanafani, aspectos centrais da novela *Retorno a Haifa*.

Palavras-chave: Contrato. Colonialismo. Palestina. Mahmoud Darwish. Ghassan Kanafani.

A REVOLUÇÃO JÁ FOI MAIS IMPORTANTE DO QUE A ARTE:

Mário Pedrosa na encruzilhada do modernismo brasileiro

Marcelo Mari

Universidade de Brasília

RESUMO: A obra de juventude de Mário Pedrosa permanece pouco difundida no meio acadêmico, devido à escassez de edições que organizem, comentem e contextualizem esse primeiro ciclo intelectual. O presente artigo reconstrói sua formação entre 1925 e 1933, destacando as controvérsias que opuseram arte vanguardista, crítica e engajamento, a partir do exame de jornais, manifestos e debates da época. A análise enfatiza a articulação entre experimentação plástica e política de vanguarda, apontando ressonâncias em obras do longo século XX. São examinadas ainda redes de colaboração, modos de autoria e o uso de pseudônimo, elementos fundamentais para compreender a inserção inicial de Pedrosa no campo cultural e político.

Palavras-chave: Mário Pedrosa. Arte moderna. Vanguardas. Política. Crítica cultural.

SE JÁ ERA, POR QUE A PRESSA?

Silvia Viana

EAESP-FGV

RESUMO: Ao longo dos pouco mais de dez anos de fim do fim da história, quando a casa da gestão-de-um-tudo caiu, a esquerda, depois nomeada “progressismo”, acostumou-se a perscrutar o opositor recém emanado de sabe-se lá qual pesadelo. No geral parece que a obsessão não levou muito longe, ao menos é o que atesta a última mirada dos representantes da cultura a respeito dos bárbaros tropicais, amantes do Apocalipse. O filme de P. Costa apresenta a resposta de sempre: que são autômatos teleguiados por um bumbo. Já o tom que as embala é sinal de que nem tudo ficou igual. Se a voz da narradora poderia constar como ilustração do verbete “melancolia de esquerda”, o olhar não larga mão do estrondo bafejado pelo líder. Então ficamos assim: meio chiando ausência de horizonte num tempo de fim que já foi e ainda não veio e cadê que não vem..., meio espichando o pescoço para qualquer coisa que represente uma potência perdida – se for contra o Imperialismo, então... (suspiro discreto). Entre uns e outros, difícil achar quem creia nalguma “união e/ou reconstrução”. Também por essas bandas as coisas começaram a aparecer “como elas realmente são”. Sendo assim, talvez esteja na hora de pensar sobre o que fizemos com o que fizeram de nós.

Palavras-chave: Melancolia de esquerda. Apocalipse. Política.

PROFESSOR TEM TEMPO A PERDER?

o "intelectual do contra" entre ruínas da "formação" e o
"inevitável"

Gilberto Tedeia

Universidade de Brasília

RESUMO: "Professor tem tempo a perder?" A pergunta tem como horizonte geral a exigência de certo perfil de atuação acadêmica na Universidade ante políticas públicas para as áreas interessadas em desenvolvimento nacional internacionalizado (mas "soberano", é a bola da vez). Toma-se por pista o trazido por Lucas Paolillo em Tese recentemente defendida, nas minhas palavras, a influência de Paulo Arantes entre a jovem intelectualidade, seja por catalisar a compreensão das contradições do presente mediante recortes heterodoxos de intervenção teórica, seja pela invenção de um lugar como intelectual pós-sartreano nutrindo-se com a voz de novas formas de militâncias prática ou teórica antissistêmicas em diferentes áreas de conhecimento. Valendo-se da ideia de "formação" de um sistema, na esteira de Antonio Candido, e da de "ruína" como procedimento metodológico benjaminiano, retomada por Otília Arantes em "Chi-na", busca-se repensar a figura do intelectual docente: (1) o que se "forma" mediante um ativismo docente que elabore, de modo organizado, as propostas "do contra" em diferentes áreas? O desafio é sair da "urgência"

posta por um tempo que não se pode "perder", seja na universidade, seja nas lutas políticas das "quebradas" ou pelos coletivos, seja no enfrentamento dos tantos colapsos postos na "ordem do dia". (2) O que se poderia "sonhar" como formação dos futuros "intelectuais do contra" às voltas com cenários de ruínas, barbáries, "contenções de gastos", governabilidade, "participação cidadã", fugas estoicas para as montanhas em busca da "vida feliz", pilhas de indicadores econômicos ou de quantificação da produtividade acadêmica? Como se contrapor a atuações sob a dominância do "inevitável" a oscilarem entre niilismo apocalíptico e as configurações da "gestão" de qualquer coisa seja limitada ao campo do "possível"? Uma coisa é certa: quem fala só de filosofia não entende nada de filosofia.

Palavras-chave: Formação. Ruínas. Antonio Candido. Paulo Arantes.

AMBIVALÊNCIAS DA POLÍTICA EM PAULO ARANTES

José Cesar de Magalhães Junior

NCT Produção da Casa e da Cidade / FAU-USP

RESUMO: Recolher a matéria social e política que emerge dos ensaios que compõem o livro *Zero à Esquerda*, escritos entre 1997 e 2003, e situar esta matéria no fuso histórico de seus “vícios de origem”, esta é a tarefa que se pode assumir para desenredar algumas ambivalências contemporâneas da política. Os textos reverberam outros do mesmo momento, por exemplo, aqueles que produziam pesquisadores do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania, Cenedic-USP, mas, sobretudo, a contribuição de Otilia Arantes para o livro *A cidade do pensamento único*, “Uma estratégia fatal”. Cabe confrontar, então, alguma matéria ambivalente na interpretação destes textos. O momento é o do esgotamento da última floração do progressismo de esquerda, aquela da liderança do projeto democrático-popular de um PT ainda em projeto e já bastante experimentado na governança. Que rastros encontramos deste malogro diagnosticado aí, que já marcavam presença na segunda metade da década de 1970, e que, hoje, podem ser vistos desde o umbral do que veio depois destes textos: fantasmagorias da “polarização” entre certo bom senso governamental e a obstinação da extrema-direita em decretar o fim do mundo para salvar a própria pele?

Palavras-chaves: Zero à esquerda. Paulo Arantes. Fim do mundo.

RECONFIGURAÇÃO GEOPOLÍTICA, ARMAS NUCLEARES E AS NOVAS LINHAS GLOBAIS

Lucas Moura Vieira

Universidade de Brasília

RESUMO: Reconfiguração geopolítica, armas nucleares e as novas linhas globais A presente comunicação tem como objetivo explorar a noção schmittiana de linhas globais, em vista das suas possibilidades de aplicação em um contexto de transição entre o ordenamento global organizado em torno de uma grande potência hegemônica para um ordenamento em que polos alternativos de poder se consolidam e ampliam a sua influência. Argumentamos que a posse de grandes arsenais de armas nucleares e de seus meios de lançamento por parte de algumas nações é um elemento crucial na demarcação destas novas “linhas de amizade” e que, em um contexto de ampliação da competição internacional – um momento de crise, onde o velho sistema já morreu e o novo ainda não foi capaz de nascer –, a verdadeira guerra “quente” se dá nas zonas de fronteira. Porém, além da tradicional forma de exportação, para países periféricos, dos conflitos entre potências hegemônicas dotadas de meios de destruição em massa, uma nova configuração parece estar surgindo, na qual mesmo o território dessas potências torna-se um alvo. Definir esta nova configuração é crucial para compreender a evolução – e os riscos – da crise atual.

Palavras-chave: Schmitt. Linhas globais. Zonas de Fronteira. Paulo Arantes.

PENSAR O DECLÍNIO:
tecnofeudalismo e crise da modernidade

Alex Hochuli

BungaCast

RESUMO: Não é mais um segredo: o declínio do Ocidente está à vista de todos. No lugar do eterno presente, instalou-se uma consciência de disrupção, desordem, declínio e decadência. Estas tendências podem ser pensadas tanto em sentido relativo como absoluto, tanto normativo como descritivo. Visando compreender o "novo e mau" em todos esses termos, surge uma teoria denominada tecnofeudalismo. Embora os pensadores tecnofeudais, tal como Yanis Varoufakis, identifiquem corretamente fenômenos como estagnação econômica, concentração de poder e vigilância tecnológica, a analogia histórica com o feudalismo é falha. No estudo em pauta, será explorada a forma como a centralidade atribuída à "renda" confunde lucros monopolistas com rendas fundiárias; o motivo pelo qual a crítica ao "capitalismo político" ignora o funcionamento histórico do capitalismo realmente existente; e o jeito com que a metáfora feudal nos cega para a realidade da socialização de produção. Conclui-se, em vista disso, pela necessidade de entender a decadência atual como aspecto do "capitalismo total" em crise de valorização, no qual as condições da periferia se generalizam no centro.

Palavras-chave: Tecnofeudalismo. Capitalismo. Periferia. Centro.

[Mesa de Debates 05]

O 'DEPARTAMENTO FRANCÊS DE ULTRAMAR' 30 ANOS DEPOIS

Denilson Cordeiro

Universidade Federal de São Paulo

RESUMO: Minha exposição será baseada na tentativa de expor um balanço de história comparada entre as condições que o livro *Um departamento francês de ultramar* apresentou (sobre passado e presente) no momento do lançamento, em 1994, e no decurso dos trinta anos que seguiram, a partir do que se converteram os cursos de filosofia, as pesquisas em pós-graduação em filosofia, as políticas de publicação e fomento e o campo de atuação profissional em filosofia na educação básica e superior no Brasil. Com isso, estimar os sentidos possíveis de aproximação entre a formação de uma experiência filosófica uspiana – “a única colonização que deu certo” – e os contornos do que ainda chamam de formação filosófica universitária.

Palavras-chave: Filosofia. Universidade. Educação.

O PONTO DE VISTA DA FORMAÇÃO: NOTAS SOBRE 'UM
DEPARTAMENTO FRANCÊS DE ULTRAMAR'

Antonio Fernando Longo Vidal Filho

Universidade de São Paulo

RESUMO: O capítulo inicial de *Um departamento francês de ultramar* — “O bonde da filosofia” — é antes evocação do que história: os fatos, personagens e ideias são filtrados pela memória do narrador, que olha no retrovisor da própria experiência para dar um balanço na “cultura filosófica uspiana nos últimos anos da rua Maria Antônia (1965-1968)”. O prisma analítico, que esquadrinha os argumentos, e o prisma impressionista, que recompõe a atmosfera, fundem-se no mergulho retrospectivo. E assim vamos entrando no livro. A ideia desta apresentação é analisar como Paulo Arantes emboca na sua matéria, e como nesse movimento vai se configurando o ponto de vista da “Formação da cultura filosófica uspiana”. A partir dessa análise tentarei delinear aspectos singulares do projeto de Paulo Arantes, tomando como termo de comparação alguns modelos clássicos.

Palavras-chave: Departamento francês de ultramar. Formação. Paulo Arantes.

AVENTURAS DA EXPRESSÃO:
aspectos da prosa crítica entre pensamento literário e
pensamento filosófico

Silvio Rosa Filho

Universidade Federal de São Paulo

RESUMO: A noção de “prosa crítica”, inicialmente mobilizada por Roberto Schwarz para caracterizar a escrita de Gilda de Mello e Souza, parece consistente com a ideia de uma específica dialética negativa - sobretudo, quando pensada por Paulo Arantes, como convergência entre sentido da formação e sentimento da dialética. Sem nenhuma pretensão à exaustividade, trata-se então de salientar apenas alguns aspectos dessa convergência à medida que ela, assumindo o primado de seu objeto, se aproxima daquele tipo de pesquisa que, reunindo fenômeno ímpar de estilo e pensamento literário, o jovem Antonio Candido designava, na década de 1940, de um modo peculiar. Como verdadeira aventura da expressão, os caminhos da prosa crítica se abrem para esse estado suspensivo: se a literatura pensa por formas e a prosa crítica pensa necessariamente com a literatura, a conjunção entre ânimo investigativo e modo expositivo talvez ainda se dê naquele traçado singular de escritores que, “não sendo nem filósofos nem homens de ciência, possuem, contudo, um certo cabedal cuja expressão depende estritamente da beleza ou da justeza vocabular”.

Palavras-chave: Roberto Schwarz. Prosa Crítica. Antonio Candido.

GUERRE ET PAIX À NOS ENFANTS QUE NÃO QUISERAM
ENTRAR E PEDEM PRA SAIR

Frederico Lyra de Carvalho

Université de Picardie Jules Verne

RESUMO: A presente exposição se dividirá em duas partes. Em um primeiro momento, buscar-se-á analisar, de forma geral, a presença da França e do pensamento francês na constituição do percurso teórico de Paulo Arantes, desde *Hegel: A Ordem do Tempo* até *O Novo Tempo do Mundo*. Trata-se de compreender por que a experiência intelectual e histórica francesa ocupa um lugar tão central na elaboração crítica do autor, servindo como referência privilegiada para sua reflexão sobre a modernidade e suas margens. Em um segundo momento, propõe-se retomar a tese da periferização do mundo, formulada no ensaio "A Fratura Brasileira do Mundo", articulando-a à análise dos motins e do colapso social na França, tal como apresentada em "Alarme de Incêndio no Gueto Francês". O intuito é verificar de que modo, passadas duas décadas, esses textos mantêm sua potência interpretativa ao iluminar a dinâmica social e política contemporânea da sociedade francesa. A hipótese que orienta esta abordagem é a de que tais ensaios antecipam, de forma aguda, os contornos do presente periférico que hoje se manifesta também no interior das formações capitalistas centrais.

Palavras-chave: Paulo Arantes. A ordem do tempo. Novo tempo do mundo.

BRASILIANIZAÇÕES

Giovanni Zanolli

Universidade de Brasília (UnB)

CEIS20 – Universidade de Coimbra

RESUMO: Na tradição de interpretação do Brasil desde o século 19, o ideal da formação foi europeu. Enquanto, no século seguinte, a referência da experiência brasileira ia se mudando cada vez mais para o outro lado do Atlântico, o debate sociológico dos anos 1990 ainda assumia a "brasilianização" do Primeiro Mundo como um fenômeno unitário. Na altura histórica do "multipolarismo oligárquico" (Emiliano Brancaccio), uma bifurcação parece aparecer no horizonte. A passagem da Europa-vassalo para a Europa-colônia é reconhecida até mesmo (ou sobretudo) pelas consciências mais agudas das elites locais como um processo menos relacionado à contingência política do que a tendências estruturais e, portanto, como um destino econômico e tecnológico de longo prazo: um futuro irreversível de dependência. Nesse sentido específico, a hora da brasilianização da Europa é agora. Ao que tudo indica, na aceleração previsível do colapso, a linha principal de fratura política será, em medida crescente, a "emergência migratória" como fato social total. Abre-se, então, nessa hipótese, um novo capítulo de descompassos ideológicos. Enquanto a experiência brasileira instrui a Europa sobre as ilusões da formação dependente, ali a guerra de classes dos brancos

revela-se calcada no mesmo princípio que ainda orienta o ideal interclassista e “mestiço” do progressismo brasileiro – a miragem da soberania nacional.

Palavras-chave: Formação. Fratura política. Paulo Arantes.

-OFICINA-

[Oficina]

CRÍTICA EM CRISE

Priscila Rossinetti Rufinoni;

Benedetta Bisol;

Érica Araujo Rocha;

Andressa Brandão do Nascimento;

Aylanne Vaz;

Gabriella Lorena Mendes de Brito;

Marcelo Lima;

Universidade de Brasília

RESUMO: No mundo contemporâneo, o que significa "crítica"? Como a crítica, o crivo que separa e distingue, ainda pode funcionar num mundo em que tudo parece se nivelar na tela do celular, do computador? Ouça mais de mil músicas, veja mais de mil filmes, leia mais de mil livros, todos os sistemas oferecem mil e uma facilidades. Mas quem lê, ouve ou assiste mil conteúdos? Existe apreensão do absolutamente indeterminado? Como distinguir, voltar a atenção, experimentar algo, como determinar? A crítica, o crivo, o critério, o julgamento são movimentos de autorreflexão necessários ontem como hoje. O grupo *Dimensões da experiência* trabalha com oficinas em que os conceitos filosóficos são postos em cena a partir de mediações várias, adaptadas tanto de metodologias de ensino como de contextos artísticos e teatrais. Para esta oficina, convidamos nossos participantes, estudantes de ensino médio e de

graduação, a construir coletivamente um painel de conceitos do que seria “crítica”. As mediações históricas nos permitirão constituir um campo de pensamento no qual os conceitos aparecem como uma abertura dinâmica, em relação tensa com os elementos préconceituais do cotidiano.

Palavras-chave: Crítica. Crise. Dimensões da experiência.

-MESA REDONDA-

[Mesa redonda 1]

“ENTRE, A FILOSOFIA ESTÁ ABERTA”

Priscila Rossinetti Rufinoni;

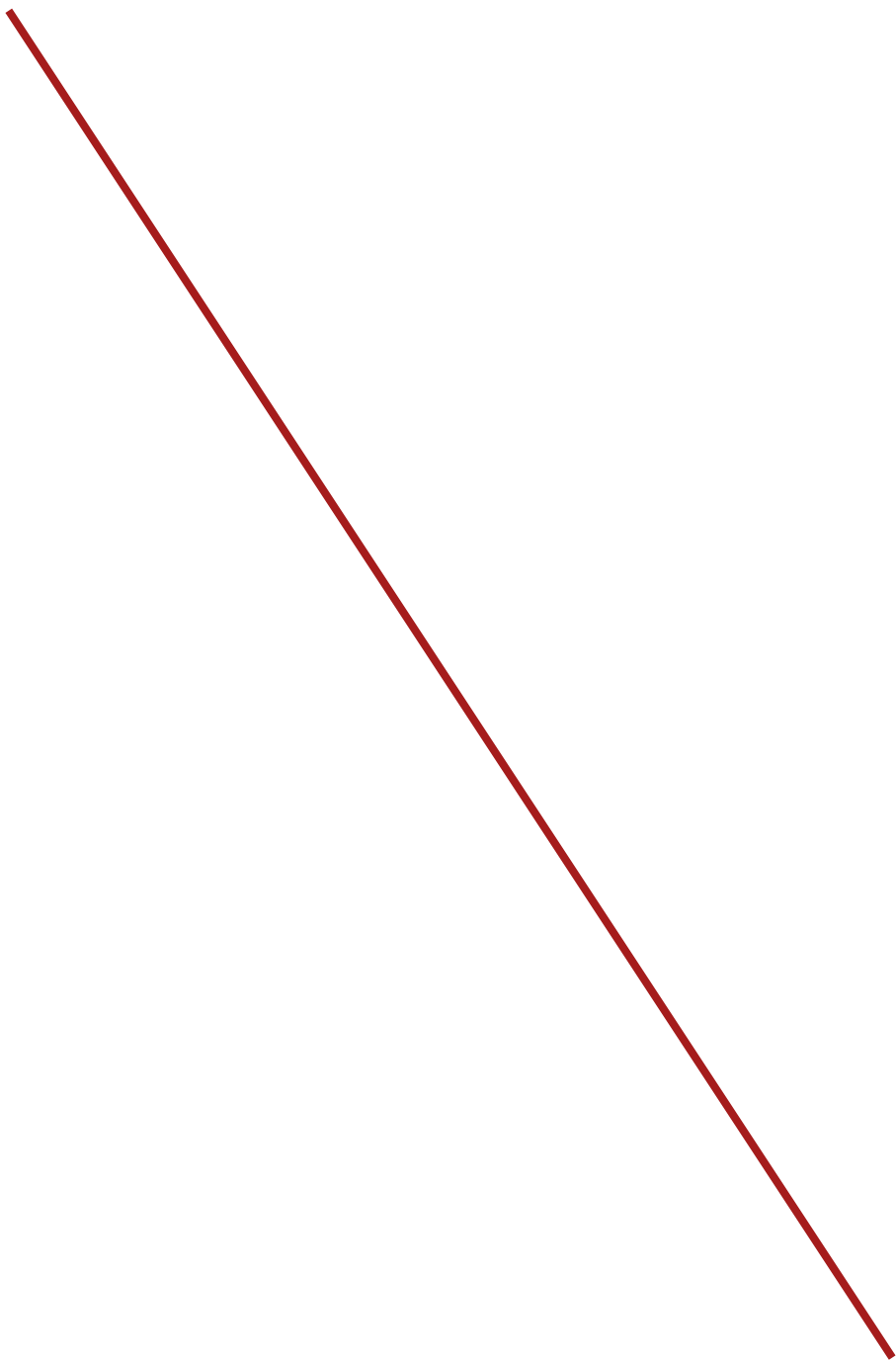
Benedetta Bisol;

Paulo Bareicha

Universidade de Brasília

RESUMO: A inspiração deste debate é o título de uma mostra da professora Amélia Toledo, pioneira da UnB – Entre, a obra está aberta. Como uma instalação de arte contemporânea, a filosofia também pode mover-se em outros contextos que não (apenas) aqueles limitados ao debate oral e escrito? Ao analisar os resultados das oficinas propostas até aqui pelos coletivos *A quem pertence a cidade?* e *Dimensões da experiência*, ambos projetos de extensão que trabalharam conceitos filosóficos em escolas e comunidades, a mesa redonda pretende fazer um balanço das possibilidades de se pensar o ensino e mesmo a escrita filosófica como uma tarefa coletiva, dinâmica, corporal, porosa a elementos de outras áreas, como as artes contemporâneas, o teatro, o cinema, a videoarte.

Palavras-chave: Amélia Toledo. A quem pertence a cidade. Dimensões da experiência.





REALIZAÇÃO

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – UNB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – UNB
GRUPO DE PESQUISA EM ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA – UNB

APOIO

DECANATO DE PÓS-GRADUAÇÃO – UNB
DECANATO DE PESQUISA E INOVAÇÃO – UNB
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – UNB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – UNB